

Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul

Silvino Santin - UFSM

1 – Perfil sócio-cultural do italiano no Rio Grande do Sul

As comemorações do centenário das grandes levas de imigrantes italianos, inauguradas em 1875, transbordaram ou, talvez, viram-se envolvidas pelas atenções e preocupações que ultrapassaram os horizontes de seu próprio universo. É importante observar que os estudos e pesquisas sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul, mais de 15 anos passados após o centenário, continuam inspirando novas, extensas e mais profundas investigações sobre a presença italiana em nosso Estado. Hoje, não são apenas alguns abnegados e idealistas estudiosos, mas grupos, cada vez maiores, e instituições que se voltam, sobre as imigrações italianas, não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o mundo.¹

Quais seriam os interesses que moveram e continuam movendo os estudos e as pesquisas do movimento migratório que afetou de maneira intensa a península itálica? Hoje, os pesquisadores percebem que o que está em jogo são os italianos no mundo inteiro, não apenas os que aportaram no Rio Grande do Sul – sabendo-se que, às vezes, aqui vieram por desvios de rotas. A compreensão, portanto, da parcela aqui chegada só é possível através de estudos que levem em consideração as emigrações italianas em geral. E, no caso do Rio Grande do Sul, não se pode esquecer os italianos que antecederam ao povoamento das quatro colônias imperiais a partir de 1875.

Os estudos sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul, pela sua quantidade e qualidade, já merecem uma análise crítica muito atenta. Aqui, dado o objetivo do trabalho, fazemos apenas algumas observações preliminares. Uma parte das pesquisas sobre os imigrantes italianos em solo gaúcho e brasileiro foram conduzidas à luz da análise marxista com base no materialismo histórico dialético. Os autores vêem nos movimentos migratórios planejados no final do século passado, em especial no Brasil, uma tentativa de sobrevivência ou adaptação

¹ Entre essas instituições podemos lembrar universidades brasileiras e italianas, e, de maneira especial, a Fondazione Giovanni Agnelli e o próprio governo italiano através da política da dupla cidadania. Entre nós, não se pode esquecer a publicação do trabalho, *Far la Mèrica* de Luís A. De Boni e Rovilio Costa, com o patrocínio da Riocell.

dos interesses capitalistas diante das transformações do sistema de produção, provocadas pelo avanço da industrialização e dos movimentos abolicionistas. O teor das reflexões gira em torno da exploração, da manipulação das massas campesinas em benefício dos interesses das classes dominantes.

Encontramos, também, um grande número de estudos que giram em torno de genealogias. Em geral, são monografias que narram o drama da decisão de emigrar, as dificuldades da travessia marítima, as lutas pela sobrevivência, os sucessos ou malogros vividos e realizados pela família imigrante e seus descendentes. Tais monografias representam uma contribuição interessante, porque revelam o cotidiano das pessoas e os ideais individuais e familiares, justificando o gesto de emigrar que, na maioria dos casos, escapam aos pesquisadores trabalhando com metodologias mais científicas.

Grande parte das pesquisas publicadas parecem centrar-se no resgate dos valores culturais do imigrante italiano, refazendo sua história e reforçando a importância de sua tradição cultural. Atualmente, esse resgate histórico-cultural adquiriu um significado ainda maior diante dos múltiplos movimentos desencadeados, especialmente no Leste Europeu, em busca de autonomia política em nome, justamente, das diferenças dos grupos étnicos, unificados de maneira abrupta pelos regimes comunistas. Na Europa Ocidental encontramos a mesma ânsia de identificação cultural, já que a unificação de grupos étnicos diferenciados aconteceu, também, de maneira arbitrária, passando por cima das diferenças regionais, em nome das teses capitalistas. Basta lembrar as lutas dos bascos, na Espanha; dos bretões, na França; dos irlandeses, na Inglaterra; e, mais recentemente, na mesma Inglaterra, o movimento dos escoceses. Entre nós, seria exagero lembrar as últimas manifestações separatistas do extremo sul do Brasil? A Itália, apesar de sua multiplicidade de pequenos reinos e repúblicas, manteve maior unidade e homogeneidade cultural, porque sua unificação sócio-cultural iniciou com o império romano e depois foi reforçada e mantida pelo cristianismo católico e papal.

No contexto de todos esses valores, analisados para compreender e explicar a imigração italiana no Rio Grande do Sul, pode-se notar que a busca da identidade social, psicológica e cultural é um fator decisivo para se definir os passos de futuras pesquisas. O passado cultural diferenciado de cada grupo parece contrapor-se, atualmente, às idéias homogeneizantes e universalistas como base de estabilidade e de paz social. Sem dúvida, a tranquilidade de uma pessoa está alicerçada na segurança de sua própria identidade. O momento presente não é suficiente para garantir a identidade de um indivíduo. Ele precisa sentir-se enraizado num passado cultural. A genética garante que todo ser vivo tem sua história, que não começa com o fato da reprodução e nascimento de um novo indivíduo. Os organismos vivos têm sua história que começa com seus ancestrais, ou com formas primitivas de vida. A nossa identidade cultural tem suas raízes num passado muito mais longínquo do que o imediatismo do mundo moderno tentou nos ensinar.

O mergulho no passado cultural não é apenas um resgate de coisas inertes, mortas e superadas, mas a descoberta de raízes que sustentam a vida presente de cada um de nós. A busca de objetivos escusos, de manipulações, de segundas intenções, de jogos de interesses dos poderes políticos, econômicos etc. nos dão apenas uma face do processo migratório. O importante é mergulhar no imaginário individual e social dos imigrantes e dos seus descendentes para tentar entender o gesto dramático, por vezes até violento, de romper com os laços da terra natal e partir para um desconhecido assustador. A continuidade deste fato está presente nos descendentes dos pioneiros. Será à luz da compreensão do gesto primeiro que conseguiremos compreender os passos subseqüentes. A necessidade da manutenção da identidade cultural, a nível pessoal e coletivo, parece ter sido um fator fundamental, inspirador primeiro das atitudes do imigrante aqui chegado. Grande parte dos trabalhos publicados estão inspira-

dos por esse valor, ou seja, interpretar o comportamento do imigrante frente ao distanciamento de seu vilarejo e frente às adversidades da nova situação, em grande parte inesperada.

O passado cultural é fundamental para definir a identidade atual de cada indivíduo e de cada grupo. Assim, descobre-se que é possível encontrar o significado da presença dos imigrantes e dos seus descendentes em terras estranhas, na busca da preservação de sua diferença cultural, como garantia de auto-afirmação e de auto-estima. Todo esse processo de reafirmação de valores étnicos, regionais e grupais, tema básico da etnologia, parece estar se insurgindo contra as idéias universalizantes e homogeneizantes, enraizadas no pensamento grego, na proposta religiosa judaico-cristã e, ultimamente, na força avassaladora da ideologia da sociedade industrial, responsável, segundo Marcuse, pela criação do homem unidimensional, como fruto do desenvolvimento científico e tecnológico.

Nesta volta ao passado, portanto, não se trata da restauração do universo sócio-cultural do imigrante italiano, mas de reencontrar os valores que provocaram atitudes, comportamentos e projetos na vida dos seus descendentes, como fatores para o processo de integração sócio-cultural com a sua nova pátria.

Estas preocupações fazem repensar ou ampliar as possibilidades de olhar o imigrante e seus descendentes, além de analisar o percurso seguido pelos trabalhos que documentaram a história dos mesmos, e delinear possíveis rumos a serem seguidos pelas futuras pesquisas.

As comemorações do centenário da imigração italiana centraram-se de maneira clara sobre os colonos ou camponeses que vieram como ocupantes de terras devolutas, segundo projeto de ocupação e de colonização do governo imperial. Há dois pontos a serem questionados. O primeiro diz respeito a uma certa homogeneização do italiano. Parece que todos eram camponeses, afeitos às lides rurais, que aqui chegaram em busca de uma possibilidade para construir uma vida melhor. É interessante lembrar que a política governamental incentivou tal atitude, já que o seu objetivo era a vinda de agricultores. O segundo ponto refere-se a um certo esquecimento do conteúdo do documento publicado por ocasião do cinqüentenário da imigração italiana. De imediato percebe-se que ele não se centraliza nos imigrantes colonos ou agricultores, isto é, aqueles que vieram para ocupar as terras devolutas do governo brasileiro. Ao contrário, a publicação *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud* trata de uma maneira mais ampla a presença da gente italiana, ainda que a data seja referente aos imigrantes camponeses.

Com base nestas constatações poderíamos denunciar uma inadequada homogeneização do perfil do imigrante italiano desenvolvida e sustentada ou, pelo menos, manifestada pela maioria dos estudos sobre a imigração. É verdade que o móvel fundamental destas lembranças e comemorações tem como base a data de 1875, o início do ingresso dos imigrantes camponeses. Em segundo lugar, poderíamos propor uma análise ou constatação de dois perfis sócio-culturais que definem a presença italiana em nosso Estado. O primeiro, é óbvio, o mais marcante e o mais lembrado, o dos camponeses, que poderia ser definido como: *o italiano religioso-papal*. O segundo perfil é o dos que tinham um certo projeto ideológico e político, que poderíamos definir como sendo um *italiano político-republicano*. Este segundo grupo já começara a chegar antes da Revolução Farroupilha. Não eram homens afeitos às lides da terra, mas que haviam chegado por outras razões, em geral, de caráter profissional, ou de negócios, ou por perseguições políticas. Podemos dizer, ainda que de maneira precária, que eles são os continuadores dos italianos que encontramos atuando em esferas governamentais, na economia, na arquitetura, nas ciências e nas artes, em diversos pontos da Europa, desde a Idade Média. São italianos que se notabilizaram no comércio, nas finanças, nas artes, nas ciências, na navegação e na guerra. Não só no Rio Grande do Sul, mas em todo Brasil, pode-se encontrar este tipo de imigrante italiano que, na maioria das vezes, tornou-se uma figura importante para a localidade, às vezes estimado, outras vezes odiado pelas suas atitudes explora-

doras. "Este elenco, que não é completo, faz eco a uma ata da Câmara Municipal, datada de fevereiro de 1839, onde se diz que os italianos dominavam o comércio da carne na cidade, em prejuízo dos consumidores" (De Boni e Costa, 1991, p. 50)

No Rio Grande do Sul encontramos um número razoável deste tipo de imigrantes italianos que atuavam, em especial, no comércio ou como profissionais liberais. Depois, com a deflagração da Revolução Farroupilha, aparecem os revolucionários italianos. São exatamente estes os primeiros a conseguir maior destaque no cenário rio-grandense. A participação destes italianos na Revolução Farroupilha, hoje, tornou-se um tema bastante controverso e polêmico. Uns atribuem-lhes uma importância fundamental no campo da organização e das definições políticas e ideológicas do movimento; outros acham que eles não eram tão revolucionários assim, como foram glorificados. Não passariam de simples mercenários. (Bento, 1976; Flores, 1977; Freitas, 1985). Não é objetivo, neste momento, resolver a questão, mas apenas chamar a atenção sobre a presença deste outro perfil de italianos. Sem dúvida, embora em número menor, acompanhavam os imigrantes camponeses, por vezes misturados anonimamente a eles; seu ideário, porém, constituía-se na linha mestra do pensar das lideranças civis, contrárias, muitas vezes, ao pensamento das lideranças religiosas, outras vezes conflitando abertamente com elas, o que teve conseqüências maiores na vida da ex-quarta colônia, Silveira Martins.

Os italianos que precederam os imigrantes de 1875 são lembrados e denominados, na publicação *Far la Mèrica*, como desbravadores e aventureiros:

"A partir da segunda década do século passado, uma outra classe de italianos começa a aparecer em solo gaúcho: são comerciantes, marinheiros, mascates, artesãos, tomados muitas vezes por espírito de aventura. O decreto de abertura dos portos valeu-lhes como instrumento legal de entrada no país e o porto de Montevideú, ancorado de tantos e tantos errantes, bem como o de Rio Grande, serviram-lhes como ponte de ingresso na Província" (De Boni e Costa, 1991, p. 44).

Nesse contexto, torna-se difícil caracterizar tais personagens como imigrantes, no sentido rigoroso do termo. Fica bem claro, em tudo isso, que encontramos uma série de diferenças básicas entre os dois perfis de italianos vindos ao Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, as causas de terem deixado a Itália são profundamente diferentes. A razão básica da presença de italianos, anterior a 1875, deveu-se, em grande parte, às guerras e conflitos existentes na Itália e no continente europeu. Buscavam situações mais favoráveis para desenvolver suas atividades profissionais ou, simplesmente, fugiam de perseguições políticas.² A diferença mais significativa para este trabalho, deixando de lado outras, está no conjunto de atitudes que diferencia os dois grupos de imigrantes. Os imigrantes camponeses, ou italianos religioso-papais, buscam reproduzir o seu vilarejo, giram em torno de valores religiosos e constroem igrejas, capelas e campanários. Os outros, ao contrário, guiam-se por uma certa consciência político-ideológica. Suas preocupações são mais de valor social e econômico. A principal atividade que os agrupa é a organização de sociedades de mútuo socorro, que começam a surgir antes de 1875. As primeiras que são registradas datam de 1871. Em 1871, fundava-se em Bagé a *Società Italiana di Soccorso Mutuo e Beneficenza*; em Pelotas, em 1873, foi fundada a *Società Italiana Unione e Filantropia*. Após a chegada dos imigrantes camponeses, essas associações surgem em muitas partes. O imigrante camponês busca-se de nomes de santos, enquanto os outros dão às "società" nomes de personalidades da vida política italiana, inclusive, podendo-se ver em diversas lojas fotografias suas e até o busto de Vittorio Emanuele II, o rei da Itália.

² Giuseppe Garibaldi, juntamente com outros revolucionários italianos, teriam fugido da Itália e vindo à América do Sul após terem conhecimento da lista dos condenados à morte, na qual estavam incluídos. O contato com os revolucionários farroupilhas deu-se posteriormente à fuga da Itália.

A lembrança deste perfil do imigrante político funda-se na necessidade de tomar a ponta do fio da meada que tem continuidade e atuação dentro dos grupos dos imigrantes campensinos, agora freqüentemente identificados como carbonários e anticlericais. Não se pode falar numa presença punctual, planejada e organizada, mas uma vez aqui chegados, tendiam a se aproximar como forma de auto-sustentação e de autodefesa ou de fuga do isolamento. Portanto, se antes não havia uma ligação direta, depois, aos poucos, os indivíduos foram se aproximando, da mesma forma como ocorre com os elementos químicos, pelo princípio da coesão.

Fica claro que não foram eles que abriram caminho para os imigrantes campesinos, nem mesmo os orientadores de sua adaptação ao solo gaúcho, mas devem ter visto na presença de seus *conazionali* um uma circunstância de fazer prosperar seus ideais econômicos e políticos. Seja qual for a situação dessa classe de imigrantes, fica confirmado que eles constituem a pré-história da grande imigração italiana no Rio Grande do Sul. E a pré-história, ainda que não muito lembrada pelos estudiosos da imigração, continua marcando presença ativa na vida e na organização daqueles que começaram a fazer a história a partir da fundação das quatro colônias imperiais e, mais precisamente, a partir de sua ocupação pelas primeiras famílias dos pioneiros, cujos passos vamos acompanhar examinando alguns aspectos do processo de integração.

Para documentar o significado desta pré-história, vou lembrar, apenas, um trecho de Mansueto Bernardi que, além de ser muito significativo para esta análise, mostra também que, já nos festejos do cinquentenário, a lembrança destes italianos mereceu aparecer em primeiro plano com o artigo *Gli Italiani e la Repubblica di Piratiny*. O autor, Mansueto Bernardi, escreveu:

(...) "il superbo quadrivirato italiano che nel ciclo eroico del '35 confuse il suo ferro ed il suo sangue col ferro ed il sangue dei riograndensi nelle pugne belle per la libertà" (Cinquantenario p. 46).

Duas idéias podem ser inferidas: uma, de que os italianos, já naquele feito histórico, haviam-se integrado aos ideais rio-grandenses; outra, de que seria possível pensar numa autonomia política em solo rio-grandense com o presença de grande número de imigrantes.

2 – O problema do "depaysement"

O tratamento que se tem dado, em geral, às diferentes correntes migratórias restringiu-se quase que exclusivamente aos aspectos econômicos, políticos, geográficos, históricos, demográficos. Poucas vezes se tem dando atenção mais profunda aos traumatismos culturais surgidos pelo fato de haver uma mudança no sistema de significações do grupo: uma ruptura com o mundo da vida e com a ordem de valores existentes.

Com base nos dois perfis de italianos aqui chegados - os italianos papais e os italianos republicanos - a questão dos conflitos culturais ou do *depaysement* como é colocado neste trabalho, também se manifesta de maneira diferenciada. Para os italianos que tinham objetivos ideológicos, econômicos, políticos ou profissionais, a ruptura com sua ordem cultural não tinha significados muito profundos, pois eles aqui chegavam em busca de objetivos bem definidos que, de alguma maneira, os integravam naturalmente ao contexto da ordem local. Isto não significa que não existissem dificuldades de integração ou conflitos de valores culturais. O importante é que eles eram aceitos pela população local enquanto profissionais, médicos, militares, advogados, comerciantes, arquitetos, e não a partir de sua nacionalidade. Uma vez competentes, eram facilmente integrados ao grupo. Quando se tornavam exploradores, eram tolerados, temidos ou, até, odiados. Neste caso ficavam um tanto isolados, só eram procurados quando a comunidade local deles precisava.

No caso do imigrante que veio como trabalhador rural, a questão é muito diferente. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que eles saíram da terra natal, abandonaram a pátria, para

fugir de misérias. Viram-se forçados a emigrar pelas mais diferentes necessidades, mas, em especial, a de sobrevivência. *Morrer ou emigrar* foi uma expressão cunhada pela total falta de alternativas que os emigrados percebiam em sua Pátria. É muito rica a literatura que testemunha o drama sofrido pelos que partiam sem esperança de retorno. Era uma viagem sem retorno. Não raro, as despedidas marcavam o próximo encontro *in paradiso*, isto é, na eternidade: *arrivederci in paradiso* (Busanello, p. 13).

Esses emigrantes são os que sofrem com a ruptura de seu universo cultural, isto é, na expressão francesa, o *depaysement*. O que seria o *depaysement*, traduzido por estranhamento? Podemos defini-lo como um fenômeno social, cultural e psicológico que mostra a situação de um grupo humano o qual, repentinamente, vê-se longe de seu país, em terras estranhas e frente a hábitos e costumes diferentes. Alguns de seus males são conhecidos como a saudade sofrida pelos escravos africanos chegados ao Brasil, conhecida pelo nome de *banzo*. O *banzo* era visto como uma doença que matava. Uma doença provocada pelo dismantelamento brutal e violento do próprio espaço cultural. Entre os imigrantes italianos são conhecidos alguns casos mais personalizados, não tendo um alcance mais extenso no grupo. A situação deles era bem melhor que a dos escravos. Esses casos são apontados mais como fatos isolados e até curiosos, do que como problema mais grave que poderia afetar toda a vida de grupos. O monsenhor Pio Busanello, em sua obra, *A história de nossa gente*, refere-se ao velho Mateus, o patriarca do grupo das famílias Busanello, que decidiram juntas emigrar sob seu comando. Aqui chegado, ainda que acolhido por amigos que já se haviam instalado e em condições boas, ele sentiu a distância de seu espaço vital. Assim escreve o autor:

"era duro, agora, principalmente para um velho de 76 anos, cotar para o resto da vida, aos olhos saudosos, um ponto tão vivo e de tantas recordações, e afastar-se daquele sítio bendito e familiaríssimo, onde estavam acostumados a expandir seus sentimentos religiosos, todos os domingos e dias santos" (Busanello, 1952, p. 12).

Foi assim que ele, apesar de ter mostrado tanta coragem e entusiasmo na viagem, pouco tempo depois sucumbiu, em parte, por não ter resistido às lembranças de seu *paese*lo. Assim foi descrita sua morte:

"Um belo dia o velho Mateus sentiu-se mal. Levantou-se indisposto e sentiu qualquer coisa. Voltou para a cama, estava doente. A mudança do clima, viagem longa, a própria velhice prostrara-o e o estado geral de sua saúde era extremamente fraco. (Busanello, 1952, p. 51).

Encontramos também algumas narrativas da tradição oral de fatos muito elucidativos. Conta-se, por exemplo, um caso na família Bianchi de Val Fentrina, Silveira Martins, que uma moça foi atacada de profunda tristeza, não falava mais, isolou-se, não queria comer, até que acabou morrendo. A narrativa conclui dizendo que ninguém sabia do que morreu. Ou, simplesmente, ela morreu de tristeza.

Os fatos supramencionados encontram uma explicação antropológica no fenômeno do *depaysement*, porque ele representa a perplexidade provocada pelo encontro das culturas que são para nós as mais distantes, e cujo encontro vai levar a uma modificação do olhar que se tinha sobre si mesmo (Laplantine, 1987, p. 19).

A maneira como reagiram os imigrantes contra os males do *depaysement* foi agarrar-se a si mesmos, individual e coletivamente, através da reprodução do seu universo cultural. O universo cultural, segundo Laplantine, é um dos aspectos cuja abrangência é considerável, já que diz respeito a *tudo* que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas (Laplantine, 1987, p. 19). Precisavam, portanto, manter todo esse sistema de significações que constituía a tecitura de todos os seus valores vividos na Itália. O valor básico do sistema de

significações dos imigrantes era o valor religioso. Ele sustentava sua vida social e cultural já na Itália. Inicialmente buscou-se ver semelhanças geográficas e climáticas. O importante era encontrar ou construir um ambiente que, de alguma maneira, lhes garantisse a transferência e a preservação de seu espaço vital.

O espaço vital não é apenas indispensável aos homens; os animais também dependem dele para sobreviver. Os animais têm seu espaço vital limitado pelo mundo físico. O espaço vital do homem, além dos elementos físicos, precisa dos valores culturais, no sentido mais amplo do termo. Uma vez ameaçado ou destruído este espaço vital, estamos ameaçando e destruindo o próprio ser vivo, seja ele o animal ou o homem. Os movimentos ecológicos desenvolvem-se, exatamente, como o grande esforço de preservação dos espaços vitais para garantir o equilíbrio da natureza e dos seres vivos. O homem tem um espaço vital que vai além das dimensões biológicas. Ele amplia seu espaço construindo um sistema de valores, a que chamamos de cultura. Essa cultura construída constitui-se no mundo de cada grupo étnico, espaço fundamental para sua sobrevivência equilibrada e harmônica. Os elementos culturais tornam-se tão importantes, para a sobrevivência das pessoas, quanto os elementos ou condições biológicas, climáticas, ou físicas.

A paisagem geográfica e climática, de certa forma, oferecia bastante semelhança com a da Itália; faltava, agora, recriar a atmosfera cultural. O centro de referência, como já foi apontado por muitos autores, era o vilarejo de origem. O importante era reconstruí-lo em solo gaúcho. O ponto de referência era o vilarejo. Neste esforço de recriação do próprio universo cultural vai acontecendo, ao mesmo tempo, o processo de integração com o novo espaço físico e com os valores da cultura nativa. Não é uma tarefa simples, pois, segundo a antropologia, trata-se de um fenômeno de alta complexidade humana. Os perigos do fracasso deste processo de integração podem ser colocados em dois pontos extremos. De um lado o grupo pode fechar-se e isolar-se, tornando-se impermeável. Neste caso, diz Konrad Lorenz,

"cada grupo cultural, mais nitidamente circunscrito, tende a se considerar como uma espécie à parte, enquanto não considera como homens, no sentido pleno da palavra, os membros de outras comunidades análogas (...) os outros companheiros da espécie são vistos como inimigos" (Lorenz, p. 74).

De outro lado, pode dar-se a total descaracterização do grupo, provocando uma degenerescência cultural que leva o grupo à morte espiritual. O que pode levar o imigrante ao fenômeno de acablocar-se. Um exemplo bem claro é o da situação dos remanescentes indígenas no Rio Grande do Sul.

O processo de integração, portanto, precisa de uma habilidade para ser conduzido sem causar grandes traumatismos. De um lado, precisa-se evitar o fechamento do grupo; de outro lado, não se pode provocar sua total abertura. A sabedoria natural, segundo Lorenz, mostra a tendência de conservar tudo aquilo que deu bom resultado, aquilo que nos dá segurança, aquilo que julgamos bom, mas é necessário estudar os costumes e usos que nos são transmitidos pela tradição cultural e que são superstições dispensáveis e caducas, e quais são bens culturais indispensáveis (Lorenz, p. 72). Esta compreensão garante o processo de evolução do grupo, sempre enraizado em sua tradição, mas com a possibilidade de abrir perspectivas para o ingresso de novos valores, não como enfraquecimento do universo cultural do grupo, mas como forma de fortalecimento e crescimento.

No processo de integração dos imigrantes no Rio Grande do Sul, encontramos duas atitudes opostas. A dos imigrantes que, num primeiro momento, buscaram formar grupos culturalmente homogêneos, como uma reação espontânea de superar o isolamento e o abandono a que foram deixados pelos governos, tanto italiano quanto brasileiro. Na outra ponta encontramos a atitude do governo brasileiro que, temendo a formação de grupos estrangeiros como

um perigo político, tomou algumas providências, por exemplo, criando colônias mistas (Cf. Manfroi, 1975 p. 123 e ss.). Os fatos mostraram que os imigrantes italianos precisaram, num primeiro momento, reconhecer que todos os imigrantes provenientes da Itália pertenciam ao mesmo grupo, tinham a mesma cultura. Depois viria o segundo passo: a integração com os os rio-grandenses e os imigrantes de outras nacionalidades.

As primeiras dificuldades para a integração com os outros contingentes de imigrantes, oriundos de vilarejos distintos, começaram a ser superadas ainda na viagem. A questão da língua foi o primeiro obstáculo a ser vencido. Ninguém dominava o italiano oficial. Cada um falava seu dialeto local. Uma vez aqui chegados, aparecem as divergências para a escolha do local onde seria construída a capela e, o mais grave, qual seria o santo padroeiro. As soluções nem sempre foram pacíficas e amistosas. Apesar das dificuldades, as paisagens italianas, em solo brasileiro, foram surgindo ao natural, como o grande sinal da garantia da preservação da identidade cultural de cada grupo. Em geral, essa preocupação em recriar o vilarejo de origem foi interpretada como um gesto para esquecer. Ao contrário, a reprodução da paisagem teve uma função de fotografia. Ela era a lembrança da terra, ou seja, a garantia de que ele (o imigrante) era ainda a mesma pessoa. Hoje, essas paisagens são ainda reconhecidas. Basta lembrar uma reportagem do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, ao publicar o roteiro turístico de Antônio Prado sob o título "Um alegre passeio pela velha Itália". O jornalista insiste na perspectiva de que aí, de alguma maneira, não se está propriamente no Brasil, mas num pedaço da Itália, ainda que em solo brasileiro. Tudo parece ser italiano, desde o povo com seus nomes, sua fala, costumes e tradições, passando pela arquitetura típica, até chegar aos pratos da culinária imigrante (*Zero Hora*, 6.11.91). O curioso de tudo isto, o que precisa ser estudado com mais objetividade, é que o próprio descendente dos imigrantes tornou-se o maior inimigo da preservação destas paisagens italianas. É bom observar o seguinte: se a paisagem italiana é identificada, fica-se em dúvida se é possível identificar o imigrante em seus descendentes. Tal fenômeno, sem dúvida, deve ser focalizado no contexto do processo de integração.

Vários outros elementos, importantes para o processo de integração, precisariam ser analisados, mas neste momento vamos lembrar ainda a questão da linguagem. Já foi lembrado que os imigrantes italianos, na quase totalidade, não conheciam o italiano oficial, falavam dialetos. Mais: eles não se sentiam propriamente italianos nacionais da Itália unificada, mas italianos regionais. Aqui eles precisaram formar uma língua comum e precisaram elaborar um conceito coletivo de italiano. Foi assim que se formou um dialeto italiano rio-grandense e se traçou a fisionomia de um italiano rio-grandense. Dentro deste espaço, certamente, encontramos a compreensão para a ausência de traumatismos maiores no processo de integração do imigrante italiano. Vejamos. A língua dialetal o identificava com seu grupo de origem, não com a coletividade dos imigrantes. Por isso, no âmbito da vida social, ela era dispensável. Permanência apenas do veículo de comunicação familiar. Foi assim que falar português tornou-se, entre eles, um sinal de valorização pessoal. Manfroi diz com muita precisão que a pessoa que falasse português era levada em maior consideração. Mas é bom lembrar que eles diziam: fulano de tal fala português, mas "l'è um dei nostri". Falar português, para eles, não era uma abdicação de sua identidade, como entendiam alguns nacionalistas italianos, significava, simplesmente, entrar na cultura urbana e era visto como fator de promoção social. O dialeto era a língua da vida rural, do homem rude, sem cultura e ignorante da colônia. A cultura urbana, no fundo mesmo, era vista como o último passo de seus sonhos de *far la Mérica*. Após ter conseguido um razoável patrimônio econômico, o outro passo seria a nobreza, isto é, a vida *dei signori*, encarnados, no momento, pelo homem da cidade. Neste contexto, também, não houve dificuldades de surgir o italiano de bombachas, botas e esporas. Montador de cavalos e habilitado às lides do campo. O italiano-gaúcho de cuia na mão, palheiro na boca e freqüentador dos CTGs.

"Se pensamos que o laço mais importante com a mãe-pátria é a língua; que a maioria dos imigrantes partem da Itália sem ter aprendido o italiano e que seus filhos não podem aprendê-lo nas escolas, raras e pobres, chega-se à conclusão, com tristeza, que sobre nossa nacionalidade pesa grave perigo da assimilação e desaparecimento." Foi o que escreveu Pietro Ubaldi (Manfroi, 1975, p. 135)

Tendo como fio condutor a análise da linguagem no processo de integração do imigrante italiano com a sua nova pátria, nada melhor do que fazer uma leitura hermenêutica dos três documentos oficiais que marcaram as comemorações das datas festivas deste importante movimento imigratório para a formação do Rio Grande do Sul.

3 – Os três documentos comemorativos

O processo de integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul pode ser apreendido com bastante clareza através de uma leitura, mesmo superficial, dos três principais documentos oficiais que comemoraram as datas históricas da imigração: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*, *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul* e *Centenário da imigração italiana ou Centenario dell'immigrazione italiana*.

Estas obras mostram claramente as duas figuras ou dois perfis dos italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul, além de mostrar na própria linguagem os passos da integração. De um lado, temos o imigrante que veio em busca de terra para cultivar, com o objetivo de sustentar a si e sua família; sua maior preocupação era a sobrevivência, e sonhava com uma vida melhor. Não possuía consciência política nem a respeito da unificação da pátria-mãe, nem dos interesses políticos da pátria de adoção. De outro lado, temos os italianos que também emigravam em busca de melhor sorte e sucesso, mas, ao contrário dos anteriores, eram portadores de uma visão política, seja em relação ao possível papel do governo italiano, seja em relação aos interesses e exigências políticas do governo brasileiro. De imediato, podemos dizer que o primeiro documento revela a forte presença do italiano ideólogo e político com fortes traços dos ideais de uma presença mais efetiva da Itália em solo rio-grandense. Foi todo escrito em língua italiana. O segundo documento está centrado na ação do imigrante colono. O ponto de partida, e fato central motivador da publicação, é a Festa da Uva. Está escrito em português. O terceiro documento revela uma fusão entre a ação construtiva do imigrante italiano, em sua totalidade; no processo de definição da cultura, da economia, da política e da sociedade rio-grandense. Ele é bilíngüe.

Vamos fazer uma rápida análise dos três documentos, salientando alguns aspectos que caracterizam os passos da integração sociocultural dos imigrantes italianos. Trata-se de uma leitura hermenêutica, limitada pelo gênero do trabalho. É mais uma síntese da pesquisa do que uma exposição completa da argumentação que levou a determinadas conclusões.

3.1 – *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*

O primeiro aspecto que chama a atenção na leitura do documento é que está escrito em italiano. Será uma mera coincidência, uma homenagem aos emigrados, ou haverá, sob a escolha da língua, a existência de outras intencionalidades? Sem dúvida, não é mera coincidência e nem uma homenagem aos imigrantes, pois estes, na sua maioria, não dominavam a língua italiana, como é reconhecido no próprio documento. Além disso, o documento visa explicitamente a registrar "la cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud". Nesta expressão pode-se entender que é uma ação do próprio governo italiano, e não uma iniciativa do governo brasileiro. Mais: o objetivo fala em italianos, não em imigrantes, o que torna mais clara, ainda que inconsciente, a ótica de uma presença mais efe-

tiva da Itália na área de colonização. Ainda, e com maior suspeita, observa-se que as autoridades colocadas em primeiro lugar são: S. M. Vittorio Emanuele III, rei da Itália, e S. Ecc. Benito Mussolini, chefe do Governo Italiano; só em segundo lugar aparecem Arthur Bernandres e Borges de Medeiros, presidente do Brasil e governador do Estado, respectivamente.

O conteúdo, da mesma maneira, mostra que o objetivo principal não são as levas de imigrantes colonos, mas a presença global do italiano em solo rio-grandense. No Proêmio (p. 26), é dito explicitamente:

"La presente monografia ha, come ben si rileva dal sua titolo, di mettere in evidenza il lavoro compiuto dagli italiani in questo Stato durante cinquant'anni"... (*Cinquantenario*, p. 26).

Ainda que se refira às massas de emigrantes, o que mais fica saliente é a idéia do italiano, e não do emigrado. Este é visto como hóspede no Brasil, não como cidadão do mesmo.

(...) "far conoscere agli italiani stessi che vivono nel Rio Grande che cosa rappresentino oggi essi per l'economia e il benessere del Paese che li ospita"... (*Cinquantenario*, p. 26).

Outro ponto que chama a atenção é o primeiro tema abordado pelo documento, de autoria de Mansueto Bernardi. O título diz tudo: "Gli Italiani e la Repubblica di Piratiny" (*Cinquantenario*, p. 35). O autor faz uma exaltação da participação dos italianos na Revolução Farroupilha. Enfoca a presença de um quadrunvirato, formado por Garibaldi, Rossetti, Zambeccari e Anzani, entre outros de menor importância.

"Tale, in rapido abbozzo, tra altre figure ausonie de minor rilievo - il superbo quadrunvirato italiano che nel ciclo eroico del '35 confuse il suo ferro ed il suo sangue col ferro ed il sangue dei rio-grandensi nelle pagine belle per la libertà" (*Cinquantenario*, p. 46).

Não se trata apenas de uma exaltação das figuras italianas no cenário da Revolução Farroupilha, mas de um forte enfoque, dado por Mansueto Bernardi, aos ideais propostos por Mazzini no movimento da *Giovane Italia*. Segundo ele, os ideais republicanos dos farroupilhas só tiveram uma explicitação clara a partir de Zambeccari e de Rossetti, inclusive no conteúdo da Constituição Farroupilha e na definição da máxima mazziniana - "Libertà, Uguaglianza, Umanità" - presente na bandeira de Piratini e outros documentos oficiais, e que era também incluída na bandeira da *Giovane Itália* até 1831, bem como adotada pela "Giovane Svizzera", pela "Giovane Germania", pela "Giovane Polonia" e pela "Giovane Europa", associações estas fundadas pelo profeta da unidade italiana, Mazzini (*Cinquantenario*, p. 42).

Uma observação atenta da linguagem utilizada no *Cinquantenario* mostra uma série de expressões que revelam uma preocupação muito clara da exaltação de sonhos de italianidade presentes na emigração italiana para o mundo inteiro. É possível perceber uma clara intenção de exaltar a estirpe italiana, seu gênio e sua civilização. Novamente podemos citar o Proêmio do *Cinquantenario*, quando diz explicitamente: "È, o signori, semplicemente e puramente una *consacrazione* spontanea, doverosa e legittima della *nostra attività*, una 'festa del *nostro lavoro*', um omaggio alla *nostra stirpe* che indirettamente si compendia anche in un atto di fede nell'avvenire di questa terra che ci ospita e di riconoscenza al giovane Popolo di comune origine latina fra cui noi viviamo e prosperiamo" (*Cinquantenario*, p. 26. Os grifos são nossos.). Não foram exaltados apenas os imigrantes pioneiros, mas também a sua descendência. Esta passagem é muito convincente ao dizer que

"Damasio Pippi è legittimo cittadino riograndense, ma non ha dimenticato che nelle sue vene scorre sangue italiano e si è tenuto sempre alla testa della colonia"(...) (*Cinquantenario*, p. 256).

Pode-se dizer, com muita segurança, que esse tom de uma linguagem que busca acentuar as virtudes do homem italiano continua a dar sonoridade de italianidade a todo o discurso presente no documento *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*.

Há sempre uma explícita acentuação da bravura, da inteligência, da criatividade, da operosidade, do alto nível de valor moral e patriótico da raça italiana. Ouçamos duas eloqüentes passagens, extraídas do capítulo "La caratteristica psicologica della nostra emigrazione" (*Cinquantenario*, p. 359). A primeira diz:

"... i 778.000 italiani emigrati dalla patria nel 1906 (...) costituivano un fenomeno sociale dei più vantaggiosi per la specie umana, mentre davano all'Italia il diritto e l'onore di proclamarsi *l'officina gentium* - onore paragonabile a quello della prima Roma, con la civiltà da essa impiantata nell'Europa occidentale".

Na segunda lê-se:

"(...) senza di essi il nostro genio non avrebbe potuto assurgere alla universale dominazione con i commerci, con la filosofia, con le scienze, con le lettere e con le arti; fattori questi che servirono alla formazione nazionale degli altri popoli, i quali imitarono le nostre arti, le nostre industrie e chiamarono la nostra gente ad organizzare la vita sociale et intellettuale delle nascenti nazioni" (*Cinquantenario*, p. 360).

O autor, B. Crocetta, não esquece de citar o testemunho de Júlio de Castilhos, exaltando o bom trabalho do colono italiano, pois ele era capaz de identificar onde morava um imigrante e dizia: *lá, certamente, vive um italiano* (*Cinquantenario*, p. 360).

Continuando a análise da linguagem, podemos perceber certa tendência, talvez não propriamente de ufanismo vazio, mas, sem dúvida, de uma forte exaltação das capacidades empreendedoras dos imigrantes e seus descendentes, no capítulo que apresenta os municípios do Estado, a indústria e o comércio dos italianos e de seus descendentes. É importante observar, também, que não são somente as pessoas glorificadas, mas, e de maneira muito firme, procura-se destacar a qualidade organizacional e produtiva das empresas, tanto comerciais quanto industriais (*Cinquantenario*, p. 1-453). Para comprovar a exuberância da linguagem laudatória, vamos lembrar algumas expressões que cantam as virtudes pessoais dos homens de negócios e da indústria. Ao falar da Colônia Santa Rosa, por exemplo, o autor escreve:

"Nella vita produttiva predomina naturalmente l'agricoltura; cionostante il commercio è fiorente e le industrie in sviluppo promettente, data l'intraprendenza e l'ingegnosità dei nostri connazionali. (...) Le qualità meravigliose di lavoro degli italiani, assecondate dallo spirito di progresso e di miglioramento economico, hanno fatto, in pochi anni, della Colonia Santa Rosa un centro urbano evoluto (*Cinquantenario*, p. 355).

Referente a sr. Fiorindo Dalla Coletta lemos:

"E un altro tipico caso della meravigliosa duttilità e fertilità della gente itálica, della complessività di valori congeniti che d'uno uomo di comune intelligenza, provisto di volontà adamantina, di esuberante energia e di insaziata brama di sapere, ti fa un industriale accorto, un tecnico esperto, di più: un inventore. (...) Lo stabilimento che è um modello d'ordine e di fervente produttività (...) Fiorindo Dalla Coletta riuscì a soppiantare commercialmente nel Rio Grande e negli stati del Sud-Brasile l'industria straniera - specie quella tedesca, rinomatissima - delle misure metriche in legno e metallo: tale è la perfezione dei suoi prodotti" (...) (*Cinquantenario*, p. 174).

Os descendentes são tratados com o mesmo entusiasmo. Apenas para exemplificar: após exaltar a grande capacidade de empreendedor na área da viticultura e de cítricos, em Arroio Grande ex-Quarta Colônia, o autor fixa-se no filho dizendo:

"Il signor Augusto Budel ha un potente ausiliare nel figliuolo suo Giovanni, giovane intelligente e che dà speranza ed affidamento di seguire in tutto l'esempio paterno. (...) è giovanotto modesto e laborioso, degno continuatore delle doti e dell'intraprendenza del suo padre" (*Cinquantenario*, p. 273).

Outra parte da maior importância, certamente, é aquela que trata das associações. As associações fundadas pelos imigrantes italianos, merecem um estudo mais profundo. Elas conservam, ainda bastante oculta, uma outra face do imigrante italiano. Até agora os imigrantes foram observados através de suas organizações de cunho religioso. As instituições religiosas, em especial as igrejas, as capelas, os capitéis foram o centro das atenções dos pesquisadores, mas *le Società*, em geral, de caráter civil, foram muito pouco exploradas. O autor do capítulo que fala das *società* dá a entender que elas tiveram dimensões um tanto desconhecidas. Assim ele se expressa:

"È mancata sempre una statistica che informasse esattamente del numero delle Società italiane esistenti nello Stato, del quantitativo di soci ch'esse raggruppano e del valore finanziario, economico e morale, ch'esse rappresentano con gli edifici delle proprie sedi e coi fondi ad usufrutto, col movimento di capitali che spostano e d'interessi che coinvolgono per le finalità sociali, ma quel che più conta - sotto l'aspetto morale - con la funzione educativa ch'esse esercitano sulle masse" (*Cinquantenario*, p. 364).

O levantamento histórico dessas sociedades, apresentado no *Cinquantenario*, nos mostra, claramente, a presença atuante dos italianos em solo rio-grandense, antes do início da grande imigração. O autor começa pela Sociedade Italiana Vittorio Emanuele II, considerada por ele como sendo, talvez, a mais antiga do Estado, e fundada em Porto Alegre, em 1.7.1877, dois anos, portanto, depois de as primeiras famílias de agricultores italianos se fixarem em Nova Milano de Caxias (*Cinquantenario*, p. 364). Antes desta foram fundadas duas sociedades, uma em Bagé, no ano de 1871, outra em 1873, na cidade de Pelotas (Far la Mèrica, p. 52). Podemos observar, através deste histórico, que a presença de italianos era notada "da molti anni prima", seja em Porto Alegre, seja no interior do Estado, ainda que, confessa o autor, em número menor e bastante desconhecidas entre si.

O objetivo, ao levantar o tema das sociedades italianas, não é analisá-las em seu todo, mas apenas apontá-las como associações portadoras dos ideais ideológicos e políticos de italianidade. O que chama a atenção, em primeiro lugar, são os patronos escolhidos para estas sociedades. Na sua quase totalidade, são figuras da vida política da Itália, em especial da Itália unificada. A nobreza italiana foi a que mais emprestou nomes. Os reis Vittorio Emanuele I, II e III estão insistentemente lembrados. A rainha Margheritta, os príncipes do Piemonte ou de Nápoles e o Duque degli Abruzzi figuram com destaque. Dante Alighieri e Giovanni Mazzini também são lembrados. É interessante notar que a sociedade de Garibaldi tinha, inicialmente, como patrono o Conde D'Eu, tendo sido, posteriormente, rebatizada com o nome de Stella d'Italia (*Cinquantenario*, p. 378).

O ponto mais forte, porém, que atesta a presença de italianidade, está nos objetivos básicos destas sociedades. Três pontos eram sempre lembrados na explicitação dos objetivos:

"Col formarsi, così, della vita collettiva, fu sentito il bisogno dell'associazione, più che a scopo patriottico, nel senso materiale dell'aiuto reciproco e della reciproca difesa" (*Cinquantenario*, p. 364).

A sociedade Stella d'Italia em seu programa afirma:

"unire gli italiani a scopo patriottico, socorrere i soci in caso de malattia e disoccupazione, (...)" (*Cinquantenario*, p. 378).

A mesma sociedade, lembra o autor,

"ha voluto eternare nel marmo l'espressione del suo riconoscente omaggio alla memoria dei caduti in Libia (...)" (*Cinquantenario*, p. 379).

Longo seria lembrar as diferentes passagens que revelam a preocupação de manter os ideais de italianidade entre os imigrantes; apenas para concluir, é bom citar a seguinte passagem:

"L'altro Sodalizio di Nova Trento s'intitola Cristoforo Colombo e quando fu fondato (19.3.1910) mirava alla propaganda dell'italianità fra gli irredenti trentini del Rio Grande del Sud" (*Cinquantenario*, p. 383).

3.2 – *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana*

Importa lembrar o momento histórico em que este documento foi escrito, para uma compreensão mais fiel do teor de sua linguagem. Estamos em 1950, cinco anos após o término da Segunda Grande Guerra Mundial, onde foram derrotados os movimentos nacionalistas do Nazismo e do Fascismo. Esses ideais nacionalistas repercutiram de maneira violenta e opressiva no seio dos imigrantes, tanto italianos quanto alemães. Os setenta e cinco anos de imigração italiana, portanto, foram comemorados sob a forte lembrança de que ser italiano podia representar um sentimento discriminatório. De fato, a leitura do álbum nos mostra, claramente, estas preocupações de não exaltar a italianidade e nem de ferir os sentimentos de brasilidade.

De imediato pode-se notar que o documento foi escrito em português. Em segundo lugar, o centro, em torno do qual tenta girar é a Festa da Uva, ainda que o título fale em data histórica da imigração, ou seja, os 75 anos. Os organizadores parecem estar cientes do problema desse tipo de comemoração. Por isso, ao anunciar as comemorações da data histórica da imigração italiana no Rio Grande do Sul, colocam com igual destaque um outro título: Órgão Oficial da Festa da Uva e Exposição Agro-industrial. Fica claro, portanto, que não se quer exaltar o italiano, como o fizera o *Cinquantenario*, mas mostra o imigrante agricultor, comerciante ou industrial que, integrado, está empenhado no progresso e no desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Seguindo este fio condutor da análise do *Álbum*, pode-se perceber que em nenhum momento busca acentuar a idéia de italiano presente em solo gaúcho. O que aparece é quase sempre o termo imigrante. Além disso, o autor não fala como sendo um italiano, mas como uma pessoa da terra. O *Cinquantenario* dava a impressão da presença do Estado Italiano na condução da imigração, ou pelo menos das comemorações. Agora temos o contrário: é o Estado Brasileiro que se coloca na frente das comemorações.

O ponto alto desta preocupação, em deixar em segundo plano, senão em esquecer ou apagar, a idéia de italianidade, aparece no texto de Ernesto Pellanda: "Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul" (*Álbum*, p. 33-64). Pellanda busca eliminar duas atitudes extremas. A daqueles que discriminavam os imigrantes, pura e simplesmente, por terem nascido em outro país ou serem descendentes de estrangeiros, o que, segundo ele, impede a plenitude de integração de todos os rio-grandenses. Expressa sua condenação com estas palavras:

"(...) sem as odientas discriminações em que se comprazem alguns *nativistas* (O grifo é nosso.) desses que em vez do 'patriotismo de vida, de solidariedade e de cooperação' que Alberto Torres desejaria ver implantado entre nós, sentem e se orgulham de o sentir, 'um patriotismo de feição medieval com traços da hostilidade dos primitivos: de ódio tribal e gentilico; patriotismo agressivo em cuja liga o sentimento adverso ao estrangeiro sobreleva sentimento de amor pelo compatriota'" (*Álbum*, p. 62).

Não é inútil chamar a atenção ao fato de que Pellanda recorre a um autor brasileiro e rio-grandense para respaldar a idéia de uma integração sem discriminações. Pellanda acha normal o fato de que a integração tem como consequência natural a

"inevitável perda de sua descendência para a brasilidade de coração e de fato contra a qual quizeram lutar improficuamente alguns arrivistas".

Esses arrivistas seriam, segundo Pellanda, aqueles que pretendiam recuperar os ideais de italianidade, justamente a segunda atitude por ele denunciada de maneira veemente. Segundo Pellanda as sociedades italianas tinham como finalidade o auxílio mútuo, a difusão do ensino e da literatura peninsular. Era o que fazia, segundo ele, a sociedade Elena de Montenegro. E diz textualmente:

"Se com o fascismo chegaram a desvirtuar essas finalidades, não o sabemos; mas, o certo é que tanto as sociedades como as escolas jamais conseguiram atrair os descendentes de italianos, ao menos aqui na capital, para a 'italianidade' visada pelos adeptos de Mussolini que, diga-se para honra da colônia, foram pouquíssimos entre nós" (*Album*, p. 60).

É interessante, na leitura do texto de Pellanda, observar como ele se esforçava por desmerecer e diminuir a possível aceitação dos ideais de italianidade entre os descendentes. Vamos ler mais algumas passagens eloquentes desta condenação às tentativas de ressuscitar "l'italianità". Em relação ao próprio governo italiano, Pellanda escreve:

"É aliás evidente, por outro lado, o fracasso da resistência ultramontana movida pelos governos totalitários no sentido de prender à pátria de origem dos pais, os filhos aqui nascidos" (*Album*, p. 43).

Para mostrar a correção de sua condenação, Pellanda historia algumas tentativas, em princípio patrocinadas pelo governo italiano, mas que foram completamente ineficazes, inclusive pela reação dos descendentes de imigrantes. Segundo o autor, o casal Augusto e Linda Menegatti teria vindo ao Rio Grande do Sul com a finalidade de reavivar os sentimentos de italianidade, o que teria feito, ou pretendido fazer, através do Instituto Dante Alighieri. A tarefa, contudo, teria fracassado totalmente; pelo menos é o que se pode deduzir desta passagem:

"E já numa atitude de revolta dos alunos o *Instituto Médio Dante Aleghieri*, cortada que lhe fora a subvenção estrangeira, passou a ser apenas o *Instituto Médio Ítalo-Brasileiro A. Menegatti* para encerrar, logo após, sem o menor resultado, a sua tentativa de italianidade" (*Album*, p. 44).

Os próprios alunos, no dizer de Pellanda, teriam se insurgido contra o diretor autoritário e estrangeiro, negando-se a jurar muda fidelidade à pátria legítima e única. Continua Pellanda lembrando que

"Igual fracasso coroou a obra do cônsul e escritor Mário De Carli ao tentar criar em 1932/3 nas escolas italianas de Porto Alegre corpo de *balilas* e de *avanguardisti*" (*Album*, p. 44).

O espírito do *Album* comemorativo aos 75 anos da imigração italiana, sem dúvida, é uma reação um tanto oposta ao espírito presente no Documento, o *Cinquantenario de la colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*. Esta atitude parece ser um passo normal, num processo de integração ou de aculturação. O terceiro documento parece apontar para este equilíbrio de uma integração capaz de respeitar identidades culturais, sem romper com a unidade. O próprio Pellanda aponta nesta direção quando afirma que a língua não se constitui em obstáculo à integração dos povos. Escreve ele:

"E, além disso, a língua não constitui a nacionalidade e povos há que os nacionais falam mais que uma língua, dando-se até mais pronunciado patriotismo às vezes naqueles que falam língua diferente da oficial, como alsacianos, que falando o alemão deram exuberantes provas do mais entranhado amor à França quer antes, quer depois de desertados daquela pátria" (*Album* p. 47).

Esta última citação de Pellanda, talvez, tenha se tornado uma profecia concretizada na forma de apresentação do documento oficial, comemorativo ao centenário da imigração italiana, isto é, bilíngüe.

3.3 – Centenário da imigração italiana ou Centenario della immigrazione italiana

O documento fala por si só. Após 100 anos decorridos, havia amadurecido em solo rio-grandense uma das mais fantásticas integrações de povos, exatamente provocadas pelos movimentos migratórios. Um fenômeno histórico que será lembrado com muita precisão em novos documentos oficiais, como a publicação da revista *Altretalie*, pela Fondazione Giovanni Agnelli.

O documento, como foi lembrado, é bilíngüe. Nisto, sem dúvida, pode-se perceber o significado profundo de uma integração de povos e de culturas. Não acontece a absorção e a dominação de um pelo outro. Mantém-se a identidade, mas não se rompe a unidade. A língua é sempre o laço mais profundo de uma cultura, o símbolo mais íntimo de uma vivência grupal ou individual. A língua é sempre a síntese de uma cultura, o sinal mais eloqüente da vida ou da morte de um povo e de seus valores. Olhando para o documento vemos duas línguas. Nenhuma delas nativa; ambas transplantadas em solo rio-grandense, representantes de imigrações que aqui buscaram uma nova pátria. O texto, *Pequeno depoimento sobre os italianos*, de Érico Veríssimo, talvez seja o testemunho mais fiel deste processo grandioso de conjugação de línguas e valores culturais (*Centenário*, p. 12-20).

Logo no começo do texto, Érico Veríssimo mostra a situação gerada pela presença do descendente de imigrantes italianos em sua própria experiência pessoal. Escreve ele:

"Declaro-me de início suspeito para escrever ou falar sobre os italianos, pela simples razão de gostar deles. Tive na infância um bando de amigos brasileiros de nascimento, mas com pais, avós ou bisavós oriundos daquele distante país que aparece nos mapas da Europa como uma bota chutando a Sicília (*Centenario*, p. 13).

É esta convivência, onde não há discriminação, que construiu, certamente, o convívio equilibrado entre descendentes de imigrantes, não importando sua origem. O autor é muito claro quando diz – e, talvez, muitos pensem assim:

"Nunca alimentei veleidades nativistas (pertencço à raça do pêlo duro). Sempre me agradou a idéia de ver misturado o nosso sangue com o dos imigrantes que se instalaram no Rio Grande, vindos da Europa e do Oriente Médio. A mistura se fez através dos tempos e o resultado dela aí está, visível e com o devido respeito – palpável.(...) Formou-se neste extremo sul do Brasil um belo espécime humano, e isso sem prejuízo do que a terra gaúcha tem de essencial, de individual, em suma, sem que suas raízes mais profundas tivessem sido destruídas" (*Centenário*, p. 20).

Para concluir, invocando Castoriadis, é no imaginário popular que se constroem os sistemas de valores que, por sua vez, dão sustentação a uma cultura, enquanto ecossistema de sua própria sobrevivência, mas é no cotidiano das pessoas que constatamos a força dos gestos humanos vividos. Voltando a Érico Veríssimo, vamos encontrar um desses momentos de suprema sabedoria popular. Lembra ele:

"E para terminar, um pouco à maneira surrealista, direi que nos meus tempos de menino, em Cruz Alta, um imigrante italiano, entusiasmado com sua terra de adoção mas ainda saudosos de seu *pae-se* natal, mandou pintar na fachada de sua lojinha de secos e molhados: La Bella Itália viva o Brasil! A gramática que fosse para o diabo, pois o que importava mesmo era o sentimento" (*Centenário*, p. 20).

Aí está, sem dúvida, o depoimento mais lúcido deste processo de integração, que não acabou, mas vai continuamente se aprofundando. O importante é que se preservem as dife-

renças, sem que a unidade e o equilíbrio sejam ameaçados. As festividades que continuaram e continuam, como ecos dos festejos centenários, atestam, exatamente, este processo de integração, onde se continua afirmando a identidade cultural dos descendentes de imigrantes em harmonia com valores culturais nativos.

4 – O surgimento da revista, *Altreitalie*

Torna-se desnecessário lembrar que uma migração não se esgota na superação da distância geográfica entre o ponto de partida e o local de chegada. O importante é saber como evolui o comportamento do grupo emigrado, seja em seu interior, seja em relação aos grupos que encontra em seu novo país, seja em relação aos elos que o prende ao país de origem. A história das culturas nos mostra que o fenômeno das migrações faz parte do processo de intercâmbio cultural e de desenvolvimento dos povos. A sociologia encontra nas migrações um farto material de estudos para tentar entender o comportamento das massas diante de novos valores culturais a que ficam expostas. É com base na fecundidade dos movimentos migratórios que os estudos e as pesquisas encontram novas dimensões do encontro entre grupos étnicos diferenciados. No caminho aberto por essas preocupações, podemos situar o surgimento da revista *Altreitalie* e o simpósio, *A Presença Italiana no Brasil*, que buscam definir novas dimensões da presença italiana no Brasil e no mundo inteiro.

Assim, a imigração italiana no Rio Grande do Sul construiu seu próprio processo de integração num novo universo que precisou enfrentar para se auto-reconstruir. O processo de integração é um laboratório que se forma e desenvolve no cotidiano das pessoas, em geral, longe das teorias científicas propostas pela sociologia, ou pela ciência mais recente, a etnologia. Estas, no fundo, buscam desvendar as leis que regeram concretamente as diferentes etapas de integração para tentar entender e definir as situações sociais, culturais, econômicas e políticas destes grupos humanos.

Qual seria a finalidade destes estudos? Sem dúvida, não podem ser creditados a uma suposta neutralidade das ciências. Há, nestas preocupações de pesquisa, uma vontade de influenciar e de agir sobre os possíveis rumos que os descendentes dos migrantes possam tomar ou significar para a pátria adotiva ou para a pátria-mãe. Os três documentos, o *Cinquantenário*, o *Álbum* e o *Centenário*, comemorativos, respectivamente aos cinquenta, aos setenta e cinco e aos cem anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul representam, como já foi analisado, tipos diferenciados de tratamento deste fato migratório. Eles, entretanto, não só não esgotam a compreensão dos fatos, mas, o que é muito importante, tornam-se fontes de novos estudos e de novas interpretações. Assim, hoje, além de observar, através dos documentos, os acontecimentos da época, podemos ampliar os estudos acrescentando uma análise crítica às interpretações dadas aos mesmos pelos documentos acima citados.

Tudo isto mostra que, a cada dia que passa, o fato migratório cresce em dimensões e significados para os que nele, de uma maneira ou outra, se sentem envolvidos. A contemplação da imigração italiana, cada vez mais, deixa de ser uma preocupação ou uma temática para alguns estudiosos, mas se torna uma questão de vida e de sobrevivência cultural de todos os descendentes. E quando esse voltar-se sobre o fato histórico que mobiliza as massas, consegue repercutir nas esferas governamentais, nas instituições econômicas, científicas ou políticas, nas academias, então tal movimento migratório passa a ser intensamente pesquisado. É neste contexto que, no presente estudo, situa-se a nova fase de preocupações que buscam reinterpretar, especialmente por parte da pátria-mãe, os emigrados e seus descendentes. O título *Altreitalie*, é, no meu entender, suficientemente claro para sugerir esta nova fase e esta nova maneira de ver as emigrações de seus cidadãos pela Itália.

O tema fundamental desta nova fase gira em torno de um possível novo significado que a presença dos emigrantes e seus descendentes, espalhados em todo mundo, podem repre-

sentar para a Itália. A última parte desta pesquisa tem, também, o objetivo de tentar entender as dimensões e as motivações destas iniciativas. No momento, aqui, é possível apresentar apenas algumas direções a serem futuramente seguidas e aprofundadas. Com esta intenção vamos ler uma passagem da apresentação do primeiro número da *Altreitalie*, feita pelo sr. Marcello Pacini, presidente da Fondazione G. Agnelli, na qual ele cita Fernand Braudel, que diz o seguinte:

"(...) nel secolo XIX e nel secolo XX, troviamo, importante ma discreto, quasi sperduto nel vociare artificioso della grande storia, il vasto dispendio umano dell'emigrazione italiana, senza che la penisola abbia potuto ricavarne un brillante profitto. Ma questa emigrazione, a partire dall'ultimo scorcio dell'800, ha validamente contribuito, col rinnovare la sostanza, al decollo umano delle Americhe: quella portoghese, quella spagnola, quella anglosassone. Su scala mondiale non si è trattato di un magro servizio. Semplice inizio? La questione rimane aperta" (*Altreitalie*, Aprile 1889, p. 3).

Parece claro que é fundamental rever as relações entre a Itália e as comunidades italianas no exterior (expressão freqüentemente usada em textos publicados pela revista) e a comunidade italiana propriamente dita, ou como Giorgio Rosental prefere chamar: "*L'Italia fuori d'Italia*" (*Altreitalie*, aprile 1889, n. 1. p. 97).

A citação de Braudel, feita por Pacini, é muito sugestiva, pois aponta o rumo claro e preciso desta nova investida da Itália sobre seus emigrados. O ponto forte da citação parece ser que a Itália, apesar de ter liberado tantos emigrantes, não usufruiu benefícios correspondentes a esta perda, ou, melhor dito, este investimento de capital humano. O texto de Pacini parece apontar para um leque muito amplo na tentativa de resgatar possíveis benefícios dos investimentos italianos no exterior via emigrações. Mas, da mesma maneira como ele não limita esses possíveis benefícios, também não descarta nenhuma tentativa para resgatá-los.

Dois pontos poderiam ser enfocados os objetivos básicos para este novo tipo de tratamento das emigrações. O primeiro poderia representar a recuperação de dividendos políticos e econômicos. A política da dupla cidadania estaria na base desta compreensão. Pela dupla cidadania haveria uma repatriação espontânea de descendentes dos emigrados, denominados na Itália como *oriundi*, especialmente como uma mão-de-obra especializada e barata. Ou ainda o ingresso de cérebros em busca de melhores salários e condições de trabalho. O segundo ponto teria como base a recuperação de valores sócio-culturais. Os contatos, gerados entre nós e a Itália, especialmente após os festejos do centenário, mostraram que alguns valores culturais haviam desaparecido na Itália. No domínio da linguagem, sem dúvida, reside um dos aspectos mais fortes desta descoberta. Neste sentido é bom lembrar a monografia, *Prima roba il parlare*, de Corrado Grassi e Mariella Pautasso, que trata do comportamento lingüístico dos emigrantes bielezes no mundo (*Altreitalie*, nov. 1989, n. 2, p. 36.). Outros trabalhos lingüísticos revelam dois aspectos interessantes que só podiam ter ocorrido graças às emigrações. O primeiro é a introdução de palavras da língua portuguesa, no caso do Rio Grande do Sul, mas dialetizadas. O segundo é a manutenção de formas lingüísticas e expressões dialetais que já caíam em desuso na Itália. O que mais enriquece o estudo lingüístico é a descoberta de uma forma dialetal no Rio Grande do Sul, formada pela aproximação dos diferentes dialetos existentes na Itália, razão pela qual há os que falam num dialeto italiano sul-rio-grandense.

Os aportes sócio-culturais, sem dúvida, constituem o maior destaque nos estudos realizados sobre os emigrantes italianos. As pesquisas voltadas para temas sócio-culturais levantaram uma série de questões muito importantes sobre o fenômeno das migrações, que não se restringem apenas à imigração italiana no Rio Grande do Sul. A questão da etnicidade, por exemplo, é um tema de extrema atualidade, especialmente se o vincularmos aos movimentos de autonomia política, que estão se desencadeando hoje, particularmente no Leste Europeu, sempre em nome da identidade étnica. Podemos citar o estudo publicado pela *Altreitalie* com

o título "The invention of ethnicity: uma leitura americana". O texto levanta uma série de questionamentos sobre o significado de etnicidade e de etnia e suas repercussões no contexto de uma sociedade. Para os autores, a etnicidade é uma invenção. E a invenção de qualquer etnicidade constitui um processo que aparece em contextos históricos específicos e concretos. Não se trata agora de desenvolver o tema, mas de chamar a atenção sobre a pertinência do assunto que, certamente, representa uma nova fase no processo de situar os movimentos migratórios e suas repercussões no contexto atual, mantendo sempre uma profunda valorização com a tradição cultural como base na identidade histórica do grupo, o que garantiria e determinaria as atitudes a serem tomadas no presente e para traçar iniciativas futuras.

No caso das emigrações italianas, para concluir, encontramos uma característica muito significativa. A Itália, apesar de ter sido o palco de um certo exaurimento de emigrantes, em nenhum momento conseguiu implantar uma política colonialista ao estilo de Portugal, Espanha, França ou Inglaterra. Com o fim deste colonialismo selvagem pode-se pensar em outro tipo de política, não baseada num colonialismo dominador e explorador, mas de intercâmbio e cooperação, onde não haja a metrópole e a colônia. Por isso os laços étnicos estariam na base das possibilidades para a construção de uma nova visão de poder político ou de cidadania.

Bibliografia

- ÁLBUM *Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no RS*. Globo : Porto Alegre, 1950.
- ALTREITALIE, Rev. n. 1, 2, 3, 4. Torino, Fondazione G. Agnelli, 1989-1990.
- BENTO, Cláudio M. *Estrangeiros e descendentes na história militar do RS - 1635 a 1870*. Porto Alegre : A Nação, 1976.
- BUSANELLO, P. *A história de nossa gente*. Santa Maria : Pallotti, 1952.
- CENTENÁRIO *da imigração italiana*. Porto Alegre : Edel, 1975.
- CINQUANTENARIO *della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*. Porto Alegre : Globo, 1925.
- DE BONI, L. Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre : EST, Fondazione G. Agnelli, 1987. v. 1.
- . (org.). *A presença italiana no Brasil - II*. Porto Alegre : EST, Fondazione G. Agnelli, 1990. v. 2.
- , COSTA, Rovílio. *Far la Mèrica*. Porto Alegre : Riocell, 1991.
- FLORES, Moacir. *Modelo político dos Farrapos*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1978.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- LORENZ, Konrad. *Oito pecados capitais da humanidade civilizada*.
- MANFROI, Olívio. *A colonização no RS*. Porto Alegre : Grafosul, 1975.
- PESAVENTO, Sandra J. (org.). *A Revolução Farroupilha: história & interpretação*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985.
- Um alegre passeio pela velha Itália*. Zero Hora, Porto Alegre, 6 nov. 1991.